



## I

### CRIAÇÃO, PROCRIAÇÃO

O regime dos *aphrodisia*, definido em função do casamento, da procriação, da desqualificação do prazer e de um laço de simpatia respeitosa e intensa entre os esposos, foram pois filósofos e directores não cristãos que o formularam; foi uma sociedade “pagã” que se deu a possibilidade de aí reconhecer uma regra de conduta aceitável para todos — o que não quer dizer efectivamente seguida por todos, longe disso.

Esse mesmo regime, sem modificações essenciais, encontramos-lo na doutrina dos Padres da Igreja do século II. Os Padres, aos olhos da maior parte dos historiadores, não teriam encontrado os seus princípios nos meios cristãos primitivos nem nos textos apostólicos — exceptuadas as cartas fortemente helenizantes de São Paulo. Esses princípios teriam de certo modo emigrado para o pensamento e a prática cristãos, a partir de meios pagãos cuja hostilidade era necessário desarmar mostrando formas de conduta já por eles reconhecidas pelo seu elevado valor. É um facto que apologetas como Justino ou Atenágoras fazem valer, aos imperadores aos quais se endereçam, que os cristãos põem em prática, a propósito do casamento, da procriação e dos *aphrodisia*, princípios que são os mesmos que os dos filósofos. E, para acentuarem bem esta identidade, empregam, quase sem os mudar, esses preceitos aforísticos cuja origem as palavras e as formulações denotam facilmente.



“Quanto a nós”, diz Justino, “se nos casamos, é para criarmos os nossos filhos; se renunciarmos ao casamento, observamos continência perfeita.”<sup>1</sup> Falando a Marco Aurélio, Atenágoras usa referências sobretudo estoicas: domínio do desejo<sup>2</sup> — “a procriação é para nós a medida do desejo”<sup>3</sup>; rejeição de qualquer segundo casamento — “aquele que repudia a sua mulher para desposar uma outra é adúltero”, “todo o novo casamento é um adultério respeitável”<sup>4</sup>; desconfiança perante o prazer — “desprezamos as coisas desta vida e até os prazeres da alma”<sup>5</sup>. Atenágoras não se serve destes temas para indicar traços distintivos do cristianismo por oposição ao paganismo. Trata-se antes de mostrar como os cristãos escapam às acusações de imoralidades que lhes são endereçadas, e como a sua vida é a própria realização de um mesmo ideal de moralidade, que, pelo seu lado, a sabedoria dos pagãos reconheceu.<sup>6</sup> Quando muito, Atenágoras sublinha o facto de a crença dos cristãos na vida eterna e o desejo de se unirem a Deus constituírem para eles um motivo profundo e sólido de seguirem realmente tais preceitos — melhor ainda: de manterem intenções puras e de expulsarem de si até os próprios pensamentos das acções que condenam.<sup>7</sup>

1 JUSTINO, *Primeira Apologia*, 29, 1.

2 [Transcrição dactilografada: o nascimento como razão de ser do desejo.]

3 “*Hêmin metron epithumias hê paidopoia.*”

4 “*Ho gar deuterios [gamos] euprepês esti moikheia.*”

5 “[...] *mekhri kai tôn tês psukhês hêdeôn.*” Todos estes textos se encontram na *Supplicatio pro Christianis*, cap. 33. No seu artigo “Ehezweck und zweite Ehe bei Athenagoras” (*Theologische Quartalschrift*, 1929, pp. 85-110), K. VON PREYSING insiste na semelhança entre as fórmulas de Atenágoras e as posições teóricas ou as atitudes de Marco Aurélio.

6 K. VON PREYSING conclui assim o seu artigo: “*Wir hoffen dargetan zu haben, daß die zwei Anschauungen des Athenagoras in Bezug auf die Ehe nicht aus der christlichen Umwelt, jedenfalls nicht aus ihr in erster Linie stammen. Stoische Beeinflussung auf beide Ansichten dürfte wohl anzunehmen sein*” [“Esperamos ter mostrado que as duas concepções do casamento desenvolvidas por Atenágoras não provêm do mundo cristão, pelo menos em primeira linha. Tanto para uma como para outra, devemos supor sem dúvida uma influência estoica”], *ibid.*, p. 110.

7 Cf. igualmente JUSTINO, *Primeira Apologia*, XV, sobre a condenação dos que cobriam uma mulher ou têm a intenção de cometer adultério.

No fim do século II, a obra de Clemente de Alexandria transmite, sobre o regime dos *aphrodisia* tal como o podia então acolher um pensamento cristão, um testemunho de uma dimensão completamente diferente. Clemente evoca o problema do casamento, das relações sexuais, da procriação e da continência em vários textos: os principais são, em *O Pedagogo*, o capítulo X do livro II, e também, mas em termos mais cursivos, os capítulos VI e VII do mesmo livro e [o capítulo VIII] do livro III; no segundo *Stromata*, o capítulo XXXII e o conjunto do terceiro *Stromata*. Será antes do mais o primeiro destes textos que analisarei aqui, esclarecendo-o, quando for necessário, através dos outros. Assim, por uma razão: o grande texto do terceiro *Stromata* é essencialmente consagrado a uma polémica contra diferentes temas gnósticos. Esta desenvolve-se em duas frentes: por um lado, Clemente queria refutar aqueles para os quais a desqualificação da matéria, a sua identificação com o mal, e a certeza da salvação para os eleitos tornavam indiferente a obediência às leis deste mundo, quando não devessem tornar obrigatória e ritual a sua transgressão; por um lado, procurava demarcar-se também das numerosas tendências encratitas que, reclamando-se de modo mais ou menos bem fundado de Valentim ou de Basíledes, queriam proibir o casamento e as relações sexuais ou a todos os fiéis, ou pelo menos aos que entendessem conduzir uma vida verdadeiramente santa. Estes textos são evidentemente capitais para compreendermos, através da questão do casamento e da temperança, a teologia de Clemente, a sua concepção da matéria, do mal e do pecado. *O Pedagogo*, por sua vez, destina-se a um fim muito diferente: dirige-se a cristãos depois da sua conversão e do seu baptismo — e não, como por vezes se disse, a pagãos a caminho da Igreja. E propõe-lhes uma regra de vida precisa, concreta e quotidiana<sup>8</sup>. Trata-se aqui de um texto que tem objectivos comparáveis aos conselhos de conduta que os filósofos helenísticos podiam dar e a comparação entre eles pode, em tais condições, ser válida.

8 *O Pedagogo* corresponde a essa *tekhne peri bion* [técnica de existência] da qual é dito que é a sabedoria enquanto vela sobre o rebanho humano (II, ii, 25, 3).

Sem dúvida, estes preceitos de vida não esgotam as obrigações do cristão e não o conduzem até ao fim da estrada. Tal como, antes de *O Pedagogo*, *O Protréptico* tinha por função exortar a alma a escolher o bom caminho, assim também, depois de *O Pedagogo*, o mestre deverá ainda iniciar o discípulo nas verdades mais elevadas. Temos pois com *O Pedagogo* um livro de exercício e de encaminhamento — o guia de uma ascensão em direcção a Deus que um outro ensino deverá depois prolongar até ao seu termo. Mas o carácter intermédio desta arte de viver cristã não autoriza que a relativizemos: se está longe de dizer tudo, aquilo que diz não se torna nunca caduco. A vida mais perfeita, que um outro mestre ensinará, descobrirá outras verdades; não obedecerá a outras leis morais. Muito precisamente, os preceitos dispensados por *O Pedagogo* a propósito do casamento, das relações sexuais, do prazer, não constituem uma etapa intermédia própria de uma vida média, e que seria seguida por uma etapa mais rude ou mais pura, própria da existência do verdadeiro gnóstico. Este, que vê com efeito o que o simples “aluno” não pode ver, não tem outras regras para aplicar nestas matérias da vida quotidiana.

Tal é bem o que podemos, com efeito, ver nos *Stromata*, onde nunca, a propósito do casamento, Clemente sugere para o “verdadeiro gnóstico” outros preceitos que não os de *O Pedagogo*. Se se recusa absolutamente a condenar o casamento, a ver nele como certos outros uma *porneia*, uma fornicação, e até mesmo a reconhecer nele um difícil obstáculo na via de uma vida autenticamente religiosa, também não o torna uma obrigação: deixa abertas as duas vias, reconhece que cada uma delas, casamento e castidade, tem os seus encargos e as suas obrigações<sup>9</sup>, e ao longo da reflexão ou da discussão acontece-lhe ora sublinhar o maior mérito daqueles que assumem a responsabilidade de ter mulher e filhos, ora expor o valor de uma vida sem relação sexual<sup>10</sup>. Aquilo que podemos ler em *O Pe-*

9 “*Idias leitourgias kai diakonias*”, CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata*, III, xii.

10 [Nota vazia.]

*dagogo* sobre a vida de um homem com a sua mulher não define pois somente uma condição provisória: são preceitos comuns que valem em geral para todos os que são casados, seja qual for a medida do seu avanço rumo à gnose de Deus. E de resto o que *O Pedagogo* explica quanto à natureza do seu próprio ensino vai na mesma direcção. O “Pedagogo” não é um mestre passageiro e imperfeito: “Assemelha-se a Deus seu Pai [...], é sem pecado, sem faltas, sem paixões na sua alma, Deus sem mácula sob a aparência de um homem, servidor da vontade do Pai, *Logos* Deus, aquele que está no Pai, aquele que está sentado à direita do Pai, Deus também pela sua aparência.”<sup>11</sup> O Pedagogo é pois o próprio Cristo; e aquilo que ensina, ou mais exactamente o que ensina nele e o que é ensinado por ele, é o *Logos*. Como Verbo, ensina a lei de Deus; e os mandamentos que formula são a razão universal e viva. As segunda e terceira partes de *O Pedagogo* são consagradas a esta arte de nos conduzirmos cristãmente, mas nas últimas linhas do capítulo XIII da primeira parte, Clemente declara o sentido que atribui a essas lições que se seguirão: “O dever, por conseguinte, é, nesta vida, termos uma vontade unida a Deus e a Cristo, o que é um acto recto em vista da vida eterna. A vida dos cristãos, que estamos a aprender com o nosso Pedagogo, é um conjunto de acções em conformidade com o *Logos*, a aplicação sem quebra dos ensinamentos do *Logos*, aquilo que justamente chamámos a fé. Esse conjunto é constituído pelos preceitos do Senhor, que, sendo máximas divinas, nos foram prescritos como mandamentos espirituais, úteis ao mesmo tempo para nós mesmos e para os nossos próximos.” E entre tais coisas necessárias Clemente distingue as que se reportam à vida aqui na Terra — e se encontrarão nos livros seguintes de *O Pedagogo* — e as que se reportam à vida lá no alto, que podem descobrir nas Escrituras. Um ensino esotérico, depois das lições dadas a todos? Talvez<sup>12</sup>. Mas

11 CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *O Pedagogo*, I, ii, 4, 1.

12 É a hipótese apresentada por H.-I. MARROU, numa nota sobre esta passagem (I, xiii, 1-103, 2). Cf. *Le Pédagogue*, Paris, Le Cerf, “Sources chrétiennes”, 1960, pp. 294-295.